

165
Academia Mineira
de Letras

C A D E I R A N.º 25

Patrono: **AUGUSTO FRANCO**

Francisco de Menezes, 30-12-1956

AUGUSTO FRANCO. Nasceu no povoado do Quilombo, ou União, no município de Barbacena em 1877 e faleceu na Alemanha (Freyberg) em 1909. Fez os seus estudos primários em Barbacena, frequentando o Ginásio Mineiro, em seguida. Matriculando-se na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, diplomou-se em



Augusto Franco

direito. Dedicou-se ao jornalismo, tendo sido redator do "Minas Gerais" e depois diretor da Imprensa Oficial. Inteligência primorosa, foi um vigoroso ensaísta, em crítica equilibrada e construtiva. Publicou as seguintes obras: "Ensaio literários"; "Antonio Sales"; "Linhas de crítica"; "Estudos ligeiros"; "Breve resposta"; "Fragmentos literários"; "Dr. João Pinheiro"; "Defesa pessoal" e "Estudos e escritos". Seu livro "Antonio Sales" é um bem acabado estudo do poeta. Por outro lado, como biógrafo, seu trabalho "Dr. João Pinheiro" é uma evocação da figura exponencial do político mineiro, Augusto Franco, pela coragem de suas afirmações, suscitou muitas injectivas a seu nome. Revidou-as em linguagem alta, sem recon-sideração alguma de seus pontos

de vista literários. Em Juiz de Fora foi redator do "Jornal do Comércio" e, em Belo Horizonte, ao tempo de acadêmico de direito, dirigiu "Vida Mineira". Alguns de seus trabalhos foram publicados sob o pseudônimo "Aufra". Muito se esperava desse talento admirável. O desejo de aperfeiçoar os conhecimentos em sociologia levou-o à Europa. Dentro de pouco tempo, vinha a notícia de sua morte, que provocou enorme pesar nos círculos literários do País. Era, em rigor, brilhantíssima figura em ascensão, recordada por João Massena, como patrono na Academia.

154

JOÃO MASSENA — João Augusto Massena nasceu em Barbacena em 6 de dezembro de 1865. Orfão aos oito anos, foi educado por um tio João Augusto da Rosa, que tudo fazia por ele, sob sacrifícios enormes, aos quais sabia o tutelado corresponder cem por cento em afeto e reconhecimento. Recebeu esmerada instrução sob os auspícios do padre Correia de Almeida. Seguiu para o Rio de Janeiro, a expensas de seu protetor, matriculando-se na Faculdade de Medicina. Estava no segundo ano, em curso brilhante, quando, de repente, lhe faltou o apoio de quem o amava como filho: morrera repentinamente o tio e protetor. Inteiramente desarvorado, viu-se na angústia de abandonar os estudos. Foi então para Juiz de Fora, entregando-se ao jornalismo e ao magistério. Redigindo jornais, lecionando latim e português em diversos estabelecimentos, conseguiu reunir algum cabedal que lhe permitisse retornar ao Rio, não mais para o estudo de medicina, mas para o de farmácia. Abriu cursos particulares, trabalhando noite a dentro em jornais, a fim de custear os estudos. Diplomando-se em farmácia, após brilhantíssimo curso, no qual obteve distinção em todas as disciplinas, regressou a Juiz de Fora. Intensificou as atividades jornalísticas, mantendo polêmicas por vezes acérrimas. Se alguma paixão havia nos prêmios sustentados, seria, sem dúvida, a da verdade. A convite de vários estabelecimentos, correu por algum tempo diversas cidades. Residiu, porém, muitos anos em Juiz de Fora, que ficou sendo a sua predileção. Foi reitor e professor da Faculdade de Farmácia da Manchester mineira, lente de "O Grãbery" e de outras casas de ensino. Após educar várias gerações, retirou-se para Niterói, onde permanece até hoje. Conta na atualidade noventa e um anos. Foi eleito membro da Academia Mineira em 25 de dezembro de 1909. Forma com Luís de Oliveira, Brant Horta e Gilberto de Alencar o grupo veterano da instituição. Toda a sua produção literária ficou esparsa em jornais e revistas. Há uma singularidade na vida de João Massena. Trata-se de uma quase profecia, ou vaticínio que a si próprio dirigiu. Em um dos seus trabalhos, no que a pureza da frase se casa com o rigor do pensamento, alude a uma "árvore isolada e anosa, espectro impassível e imutável", que lhe inocula na alma a "saúde indizível e agri-doce nostalgia dos tempos idos e que não voltam mais." Orfão desde tenra idade, viu, no curso de sua longa vida, desaparecer, um a um, todos os entes que lhe eram caros: esposa, filhos, um genro admirável, cientista e músico, Dr. José Augusto Godinho, e muitos amigos e companheiros de sua mocidade. Ao péso de quase um século de existência, ficou ele, na sua solidão, como um "fantasma vivo", segundo uma das suas admiráveis crônicas, ou "árvore isolada e anosa, espectro impassível e imutável" de um quadra cheia de trabalho, das árduas, cansativas, ternuras, desencantos, ao lado do acendrado culto do dever. Quando moço, tinha a aparência de homem bravo, intratável. Aparência, apenas. No íntimo, com a sua voz afalsetada, era, como é ainda, a encarnação da bondade. Patriarca da Academia, modesto e puro, generoso e amável, entrando para a instituição aos quarenta e cinco anos de idade, dobrou o tempo, ultrapassado-o, como se quisesse abençoá-la com a alegria e a ternura de pai amantíssimo.



João Massena